

## Comunicações - Sessão 6

### Arqueomusicologia: das flautas a arqueologia musical brasileira

Giusepe Augusto Araujo

**Resumo:** Dos extremos metodológicos, as primeiras discussões entre tais disciplinas começou a ocorrer por volta de 1977 na Inglaterra e Alemanha, se firmando em interseções do trabalho de campo e da interpretação dos vestígios, complementando-se e progredindo para o atual cenário mundial. Entretanto, tal cenário é discreto e seus resultados muitas vezes auxiliam ainda mais na polarizar das pesquisas; tal como ocorre no Brasil; com a nuance, que para a arqueologia, arte pré-histórica se resume a pintura, e todo o resto é visto como pertencente a um traço cultural gerado pelo difusionismo cultural de povos pretéritos. A partir do momento em que o homem pretérito usa de ferramentas para sonorizar, independente da função a qual hoje podemos lhes atribuir, segundo Candé, contesta diretamente com tais idéias, onde a música sempre se provou ao redor do mundo ser quase tão antiga quanto o próprio homem, onde no campo da materialidade artefactual, as flautas ao longo do tempo sempre se mostraram não apenas um dos vestígios mais recorrentes, como também um dos mais antigos e complexos conhecidos até o presente momento; não sendo diferente, o Brasil possui acervo de artefatos atribuídos a uma ritualidade musical dos povos aqui viventes anteriormente ao colonialismo, que por um desinteresse ou falta de conhecimento técnico, vem sendo constantemente acumulado em acervos técnicos por todo o território nacional, sem nunca ver a luz de pesquisas direcionadas a tais artefatos, que facilmente poderiam recontar a ancestralidade musical dos povos ameríndios residentes respectivamente em seus territórios. Poucos são os acervos técnicos ou museológicos que disponibilizam para visita aberta ao público tais artefatos de origem musical, sem terem o devido estudo musicológico, limitando-se a uma breve descrição obtida pelo arqueólogo coordenador de campo que muitas vezes dá uma descrição incerta, baseada no exterior da peça, que posteriormente será arquivada em laboratório, por falta de uma análise técnica mais detalhada de tal profissional na arqueologia, isolando e enterrando essa fonte de conhecimento, no ambiente climatizado do acervo. Dos musicólogos que buscam tais artefatos para estudo, são barrados na burocracia arqueológica brasileira, publicando muitas vezes raros artigos com informações escassas, no que deveríamos enfatizar os numerosos benefícios que tal parceria entre campos traria para reafirmar essas culturas muitas vezes esquecidas dos povos tradicionais existentes; dando-lhes o destaque que por descendência lhe é originário.

## Introdução

No século XX, Ricciotto Canudo, intelectual italiano, escreveu o Manifesto das Sete Artes. Nele, Canudo enumera as artes, artes estas que por sua vez tinham como objetivo representar o belo com o máximo de perfeição possível a ser alcançada. A música alcançando o título de primeira arte, sua beleza não se resume a uma execução perfeita de uma partitura; mas vai além, quando pensamos em um universo de sons em equilíbrio ordenados apreciados nas mais diversas formas de apreciação. A coragem em desbravar os sons e criar os seus próprios, foi um dos mecanismos da força motriz, para uma primeira quase linguagem de um esquecido proto-idioma, que abraçou e cresceu com a humanidade, dividindo-se de acordo suas culturas e tradições florescendo em quem nos tornamos.

O som que faz indiscutivelmente parte do universo, das coisas e dos seres vivos, do mesmo plano sensorial, reproduzir os sons através de tudo aquilo que o meio ambiente oferece, foi um sutil passo a frente da domesticação do som; foi a experimentação e a prática; a tentativa e o erro que em unidade culminaram possivelmente em um apito, e na possibilidade de cantar como os pássaros, de gritar como o vento e se tornar nossa segunda voz. Voz que nos liga com nosso interior mais profundo, com a natureza, as pessoas ao redor, a vida; voz que pouco a pouco se tornou flauta capaz de expressar os mais diversos suspiros e gritos presos no âmago de nossa curta existência em consonância o aprendizado diário, se fez música.

Essa imitação do meio natural impulsiona a transformação do ser, e o ser mudado transforma o meio natural para benefício próprio, seja aperfeiçoando ferramentas ou construindo meios de imitar a natureza e pré-estabelecer uma conexão. A música, enquanto sons se manifestam muitas vezes através do discreto canto das flautas, em uma tentativa subliminar de imitar a música dos pássaros e os sons que fluem da natureza.

Das incontáveis possibilidades, das muitas ferramentas, das diversas suposições, a música é o que nos acompanha com o passar dos anos, dos povos, das tecnologias, podemos observar incansavelmente que ela nos exemplifica sutilmente acontecimentos que se apresentam submergidos em nosso subconsciente, trazendo o peso de uma cultura, e uma história esquecida de tempos imemoráveis, no qual se apresentam através do som das flautas.

Nesse déficit, surge a oportunidade de trabalharmos a ancestralidade musical, onde no ponto mais longínquo do horizonte podemos observar nossa tendência de musicalizar o cotidiano em contos e cantos que transcendem o tempo.

## Fundamentação Teórica

O sistema respiratório, como um fator determinante e importante que rege a comunicação; uma vez que encobre todos os órgãos e de acordo com o domínio e posição correta, melhora a respiração e possibilita um viés para os princípios daquilo que podemos chamar de um ‘ensaio a fala’ e junto da mesma, com o domínio de uma expiração direcional, o que pode ter ajudado em um aperfeiçoamento da música por instrumentos tubulares como as flautas de pan e de bisel. No ensaio das primeiras palavras, a música é um forte concorrente como auxiliadora, uma vez que em seus primeiros estágios de desenvolvimento, o mesmo ocorre até os dias de hoje, seja em crianças, pessoas que através de tratamentos voltam a falar ou nos gagos, assim como tantos outros; porém focando brevemente em uma variante deste último:

A gagueira parkinsoniana, assim como a verbal, pode responder muito bem ao fluxo da música. [...] Se a música estiver presente, seu andamento, seu tempo, prevalece sobre o parkinsonismo e permite ao parkinsoniano, enquanto durar a música, retornar ao seu próprio ritmo de movimento, aquele que lhe era natural antes de adoecer. (SACKS, 2008. pp. 235, 270).

Uma vez que o lado esquerdo do cérebro usa de um processo lógico-matemático o lado direito é automaticamente seu contraponto artístico-perspectivo, a fala enquanto objeto de comunicação se usa de ambos os lados, uma vez que de muitas formas, ordena e classifica desde muito tempo atrás as melhores maneiras de efetuar uma comunicação bem sucedida; porém o canto age de forma similar, com o diferencial que se manifesta mais fortemente do lado direito, usando áreas diversas causando então uma ruptura momentânea de alguns problemas relacionados a dicção.

Observando os seres humanos modernos ambos os lados trabalham até os dias de hoje sem indícios de sobreposição ao outro, considerando suas funções, uma vez que a sociedade exige a destreza e confiabilidade do racionalismo; uma das coisas que devemos considerar como herança intelectual de nossos antepassados, é o que Ilari chama de ‘inteligência musical’, “definindo como a capacidade de percepção, identificação, classificação de sons diferentes” (Antunes, 2002 et al; Ilari, 2003), “englobando a execução, canto, movimento e composição, ou seja, o fazer música” (Santos, 2015), não os considerando alheios e escusos a tais caminhos que guiaram a humanidade, uma vez que o homem pretérito igualmente se usava de tais mecanismos para seu entretenimento e sobrevivência em comunidade, os polindo até a culminância do presente.

Domesticar o som, auxiliou a criar uma memória musical antes de se fazer música, criando caminhos de grande impacto neurológico, construir tal registro com o passar do tempo expandiu não apenas nossas funções corticais, mas a forma como vemos e ouvimos o mundo e novamente auxiliou a desenvolver as funções como um auxiliar que nos ensinou a falar, reproduzir sons e criar métrica rítmica; negar tal auxílio da música é negar parte de nosso passado, é desejar esquecer uma parte que compõe o homem por desprezar sua origem.

Com o fluir da temporalidade antrópica, a música adquiriu diversas faces e formas, evoluindo e alterando sua forma e seu significado através de seu reflexo na evolução humana. Onde, independentemente da ordenação dos sons, arranjo melódico dentre outros que auxiliaram na construção da diversidade que hoje conhecemos, também é necessário compreender quando Candé diz que:

O som musical é uma variação periódica de pressão, cuja frequência e cuja amplitude são variáveis em limites definidos. [...] Sendo improvável, o som musical exigia uma atividade projetiva, uma contribuição de informação; desde a origem, ele é um artefato. O homem criou-o para agradar não só a seu ouvido, adaptado a todos os fenômenos sonoros indistintamente, mas também a seu cérebro, o que nos leva a um período relativamente recente da evolução humana. (CANDÉ, 1994)

A elaboração de artefatos complexos possibilitou tal como o aperfeiçoamento de outros, a confecção de instrumentos musicais simples, técnicas diversas de execução musical já existente até aquele momento; o ato de gerar sons de forma agradável foi inicialmente embasado na imitação de sons do meio natural. Logo, a partir de tal se dá início a uma corrida cultural pelo aperfeiçoamento do artefato música que difere e torna única um determinado povo ou classe.

Necessitando não apenas de um estudo sobre o corpo musical que envolve a pré-história, mas de um estudo mais focado em um “*Homo Musicus*” (ibidem), visando não apenas a inserção da música no meio ritual, nem da dança como um ato inseparável da musicalidade, mas do uso dos sons antes destes se tornarem o que conhecemos hoje como música, visto que podemos observar apenas o resultado da difusão das sociedades históricas a partir de certo momento na cronologia humana devido à escrita e sua habilidade de perpetuação da informação e não de comunidades hoje viventes que adotam a tradição oral, similar a que especula-se ser usada por nossos antepassados mais distantes.

## **Metodologia**

Esse trabalho foi realizado através de pesquisa qualitativa na arqueologia, referencialmente usando a pré-histórica musical da Europa, Ásia e nas Américas

pre-coloniais, sendo que:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34)

Realizada através de pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32)

Sendo complementada pela pesquisa de campo, onde foram pesquisados e analisados modelos de diversas flautas então apresentados. “A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)” (FONSECA, 2002). De forma a embasar tal pesquisa, pouco referenciada no Brasil, com parâmetros internacionais.

### **Apresentação dos resultados**

A música sendo considerada como primeira arte, a flauta como um dos instrumentos musicais mais antigos conhecidos e o ser humano como intérprete de ambas; foram observadas, geradas hipóteses, testadas e replicadas; a arte que na arqueologia pré-histórica se resume a pintura é maior quando em contraste com a musicologia e com outras ciências de cunho artístico, concluem que homem e música andaram tão intimamente juntos, quanto a própria adaptabilidade e sobrevivência, e não estritamente ligado a ritualidade; onde em vários casos, como na Ásia, o músico era tido como membro nobre da corte de acesso exclusivo do imperador e de apresentações artísticas da nobreza, quando solicitado. Na

ritualidade, como pertencente do sagrado e das cerimônias, tanto na pré-história quanto na contemporaneidade. Atualmente a flauta está inserida seja na música de câmara, orquestras, popular, amadora, religiosa/ritualística, dentre tantas outras; igualmente representando a cultura humana através do tempo.

### **Considerações Finais**

Podemos concluir então, que arqueologicamente, falta minimamente um estudo aprofundado no que é pertinente à musicologia prehistorica; sendo a salvaguarda desse acervo de conhecimento limitado e restrito dos pesquisadores mais capacitados em tal análise e estudo de cunho mais específico; uma vez feita uma análise preliminar do arqueólogo, tais peças são arquivadas ou postas em exposições, e as pesquisas subjacentes dessa fonte escassa, pouco a pouco tornam-se mais inconclusivas. Igualmente a falta de conhecimento da nomenclatura internacional, torna aqueles que desbravam a escrever sobre, pouco compreensíveis, causando uma sensação desconfortável ao ler os escassos e desnivelados trabalhos nacionais. Das diversas formas que tal pesquisa poderia vir a complementar; um possível mapeamento em território nacional dos grupos que fizeram uso de tal tecnologia sonora; poderia ampliar a interpretação das pinturas rupestres, com base em tais pesquisas; fato que ainda não pode ser feito, devido a tal déficit na pesquisa.

## Referências

- BUCO, Cristiane de Andrade. *Arqueologia do Movimento: Relações entre Arte Rupestre, Arqueologia e Meio Ambiente, da Pré-história aos dias atuais, no Vale da Serra Branca. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil.* 2012. 587 f. dissertação (Mestrado em Arqueologia) - UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO VILA REAL, Portugal, 2012. Disponível em: <[https://referenciabibliografica.net/index.php](https://www.academia.edu/10341371/BUCO_C._A._2012._Arqueologia_do_Movimento._Rela%C3%A7%C3%B5es_entre_Arte_Rupestre_Arqueologia_e_Meio_Ambiente_da_Pr%C3%A9-hist%C3%B3ria_aos_dias_atuais_no_Vale_da_Serra_Branca._Parque_Nacional_Serra_da_Capivara_Piau%C3%AD_Brasil._Tese_de_Doutorado._.587p._Vila_Real_UTAD-PT_Vol.I_>. Acesso em: 27 out. 2018.</p>
<p>CANDÉ, Roland de. <b>História universal da música.</b> 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 629 p. v. 1.</p>
<p>CANDÉ, Roland de. <b>A música: linguagem, estrutura, instrumentos.</b> 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2009. 268 p.</p>
<p>EINSTEIN, Albert. <b>Como eu vejo o mundo.</b> 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1953. 90 p.</p>
<p>FILHO, Ilton José de Cerqueira. <b>História da flauta.</b> 1. ed. São Paulo: Biblioteca 24horas, 2009. 132 p.</p>
<p>FISCHER, Steven Roger. <b>Uma breve história da linguagem.</b> 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2009. 304 p.</p>
<p>FRANCO, Valdomiro André Vaz. O papel do profissional de Educação Física na prevenção das deformidades e lesões músculo-esqueléticas secundárias ao encurtamento da musculatura isquiotibial. 2006. 47 p. monografia (Especialização em Técnico esportivo) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina, 2006.</p>
<p>GREENE, Brian R. <b>O Universo Elegante: Supercordas, dimensões ocultas e a busca da teoria definitiva.</b> 1. ed. São Paulo: SCHWARCZ LTDA., 1999.</p>
<p>GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. <b>História universal da música.</b> 6. ed. Lisboa: Gradiva, 1988. 759 p.</p>
<p>NATOUR, Jamil et al. <b>Coluna Vertebral: conhecimentos básicos.</b> 1. 2004. Disponível em: <<a href=)>. Acesso em: 19 abr. 2018.
- SACKS, Oliver. **Alucinações Musicais** 1. 2007. Disponível em: <<http://lelivros>.

love/book/baixar-livro-alucinacoes-musicais-oliver-sacks-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 19 abr. 2018.

SANTOS, Laízida Silva. **Música e neurociências: inter-relação entre música, emoção, cognição e aprendizagem.** 2015. Disponível em: <[http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?música-e-neurociencias-inter-relacao-entre-música-emocao-cognicao-e-aprendizagem&codigo=A0853&area=d2](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?música-e-neurociencias-inter-relacao-entre-música-emocao-cognicao-e-aprendizagem&codigo=A0853&area=d2)>. Acesso em: 19 abr. 2018.

WEST, John B. **Fisiologia respiratória.** 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 231 p.